



Faixa 8

A crise de 1383-1385



07 min 07 s

Quando subiu ao trono em 1367, D. Fernando (1345-1383) herdou uma grande fortuna que lhe foi deixada pelo pai, D. Pedro I. Mas as sucessivas guerras e os surtos de peste tiveram graves consequências económicas e levaram o rei a “quebrar moeda” (desvalorizá-la) várias vezes. Medidas como a Lei das Sesmarias de 1375 e a criação da Companhia das Naus tentaram fazer face à crise e desenvolver a agricultura e o comércio, mas com poucos resultados imediatos. O carácter do rei que passou à História como o *Formoso* também influenciou a política. Fernão Lopes chamou-lhe “amador de mulheres e achegador delas”. A paixão por Leonor Teles, mulher casada, levou-o a violar um tratado, criou má vizinhança, colocou Portugal na órbita de Inglaterra e reforçou a influência de um setor da nobreza, encabeçado pelos Menezes, da família da nova rainha.

A inépcia como chefe militar permitiu também que Lisboa fosse ocupada por um rei castelhano (Henrique II) em 1373 e cercada por outro (João I) em 1382. Camões resumiu assim o seu reinado: “Um fraco rei faz fraca a forte gente.”

D. Fernando morreu em 1383 e pouco depois já Leonor Teles assumia abertamente a sua relação com o nobre galego João Fernandes Andeiro.

No dia 6 de dezembro de 1383, D. João, mestre da Ordem Militar de Avis, dirigiu-se ao palácio real [...] com um pequeno grupo de amigos. Depois de cumprimentar a rainha D. Leonor Teles e os nobres que a acompanhavam, pediu ao conde de Ourém, o galego João Fernandes Andeiro, que lhe desse uma palavra em particular. O amante da rainha-viúva desconfiou, fez sinal aos seus homens para que fossem buscar armas – e ficou sozinho com o mestre. Num recanto da sala, junto à janela, trocaram umas palavras em voz baixa. De repente, o filho bastardo do rei D. Pedro I empunhou um cutelo comprido e desferiu um golpe na cabeça do homem mais poderoso de Portugal. O conde Andeiro não morreu logo e ainda tentou chegar aos aposentos da rainha, mas um dos homens do mestre, Rui Pereira, acabou com ele à espadeirada.

Aos 26 anos, embora filho de rei, não sonhava com a Coroa. Mas temia pela própria vida, pois tinham-lhe dito que a viúva do seu meio-irmão e o amante desta planeavam matá-lo. Foi por medo que o mestre de Avis apunhalou o conde Andeiro. Depois, para o poder não cair na rua, “chegou-se à frente”. Seguiu um conselho político: “Dai o que não é vosso, prometei o que não tendes e perdoai a quem não vos errou.”

Por essa altura já Lisboa estava em alvoroço. O povo acorria, alarmado com os gritos de Gomes Freire, o pajem de D. João, que cavalgava a galope pelas ruas: “Matam o mestre! Matam o mestre nos paços da rainha! Acudi ao mestre que o matam!” O pajem dirigiu-se a casa de Álvaro Pais, figura de grande prestígio na cidade – tinha sido chanceler-mor dos reis D. Pedro e D. Fernando – e que, segundo a crónica de Fernão Lopes, foi o autor da intriga patriótica que culminou na morte de Andeiro, a quem odiava. Ao ouvir a berraria, Álvaro Pais montou a cavalo e começou a bradar, atrás do pajem: “Acudamos ao mestre, amigos, acudamos ao mestre, que é filho de el-rei D. Pedro!”

Juntou-se uma multidão às portas do palácio, ameaçando invadi-lo. Foram impedidos pelo próprio mestre D. João, que assomou à janela principal e lhes disse: “Amigos, sossegai, que eu estou vivo e são, a Deus graças.” Não sossegaram: indignados pela recusa do bispo de Lisboa em mandar tocar os sinos a rebato, os populares desceram à Sé, ali a dois passos, e, lembrando que



o prelado, D. Martinho, era castelhano, lançaram-no da torre, juntamente com dois acompanhantes. Os amotinados dirigiram-se então à judiaria para matar judeus e saquear as suas casas e lojas. Foram impedidos de o fazer no último minuto, por um magistrado que invocou o nome do

45 mestre.

Perante a insurreição que desencadeara, D. João hesitava. Sabia que o rei de Castela não tardaria a invadir Portugal e temia pela sua vida. Pensou em fugir para Inglaterra, mas desistiu. Enviou emissários a Alenquer, para onde se retirara Leonor Teles, propondo casamento à viúva do seu meio-irmão, cujo amante assassinara. A rainha recusou.

50 Quando os ricos proprietários e mercadores de Lisboa, pressionados pelos homens dos ofícios e pela arraia-miúda lhe declararam o apoio e prometeram pegar em armas por ele, o mestre decidiu-se a encabeçar a revolução. Aceitou o título de Regedor e Defensor do Reino e preparou a resistência ao invasor.

Nos dois anos seguintes, Portugal foi palco de batalhas contra o estrangeiro mas também de

55 uma guerra civil.

Desde a morte de D. Fernando, em outubro de 1383, que o país vivia num clima de tensão. As derrotas de D. Fernando nas três guerras que travou com Castela levaram à assinatura do Tratado de Salvaterra de Magos, que impôs o casamento da sua filha única, D. Beatriz, com o rei castelhano João I. Quando D. Fernando morreu, o soberano de Castela quis cobrar a herança da

60 mulher. A maioria dos nobres portugueses, com a rainha-viúva Leonor Teles à cabeça, seguiu a lógica feudal e reconheceu a soberania de Beatriz. Mas outros membros da fidalguia e sobretudo os burgueses, proprietários de terras e mercadores, além do povo pobre, opuseram-se-lhe.

A insurreição de Lisboa foi seguida por levantamentos em Beja, em Portalegre, em Estremoz, no Porto. Muitas cidades e vilas tomaram voz pelo mestre que conseguiu fazer-se reconhecer

65 como o rosto da independência, num processo que, segundo o historiador José Mattoso, foi decisivo para a formação da identidade nacional.

D. João não nasceu para ser rei mas teve um dos reinados mais longos da nossa história: 48 anos. A sua capacidade de liderança durante o cerco de Lisboa e a resistência à invasão castelhana levou os representantes do clero e da nobreza a imitarem o povo e a escolhê-lo como rei.

70 Inaugurou uma nova dinastia, confirmou Portugal como país independente e lançou, em 1415, a expansão ultramarina. Chamaram-lhe o rei da *Boa Memória*, mas a guerra da independência, primeiro, e a conquista e manutenção de Ceuta, depois, deixaram os portugueses à míngua. Nem por isso Camões deixou de lhe dedicar um dos maiores elogios de *Os Lusíadas*: “Viva o famoso rei que nos liberta!”

FERREIRA, João, 2010. “O Conde Andeiro – O assassinio em nome da pátria”.
In *Histórias Rocambolernas da História de Portugal*. 3.ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros (pp. 56-58)

